

Frente Nacionalista dividida no Congresso

J. Aurélio Abreu

A Frente Nacionalista, que atuou com sucesso durante os trabalhos da Assembléia Nacional Constituinte, está encontrando dificuldades para reaglutinar as suas forças para contra-atacar a tese da internacionalização da economia. A maior parte da chamada esquerda moderna não teme o ingresso do capital estrangeiro no mercado nacional, por entender que isto não significaria uma submissão do Brasil a outros países, mas, ao contrário, auxiliaria em muito o desenvolvimento tecnológico e o atendimento das necessidades básicas da sociedade.

Os partidos que dão apoio à Frente Nacionalista são o PDT, o PSB e o PC do B, liderados por Leonel Brizola, Miguel Arraes e João Amazonas. Estes partidos entendem ser de fundamental importância garantir primeiro o desenvolvimento nacional, o que estaria comprometido com a abertura do País para o ingresso do capital estrangeiro. Nesse contexto, a Frente já realizou três simpósios, um no Rio de Janeiro e dois em Brasília, sobre privatização, informática e siderurgia. Um dos pontos altos desse movimento será um pronunciamento do senador Darcy Ribeiro (PDT-RJ), em defesa do nacionalismo, nos primeiros dias de agosto, em uma sessão do Senado Federal.

Proteção

Durante os trabalhos da Constituinte, a Frente conseguiu defender a reserva de mercado para a informática, protegeu o capital nacional contra o ingresso do capital

estrangeiro e garantiu o monopólio do petróleo. Para isso, ela conseguiu, em alguns momentos, o apoio das lideranças conservadoras e até mesmo de políticos ligados aos militares.

O líder do PDT na Câmara, deputado Vivalde Barbosa (RJ), garante que o seu partido continuará com a mesma postura da Constituinte. "Nós até podemos aceitar o ingresso do capital estrangeiro no mercado nacional, mas com restrições e muitas obrigações", disse. Para ele, antes de incentivar a internacionalização da economia, deveria ser definida uma estratégia para cada um dos setores considerados essenciais para o desenvolvimento nacional. Somente a partir daí seria permitida a participação externa em nosso mercado, propõe.

Por outro lado, o líder do PSB, deputado José Carlos Sabóia (MA), reconhece não encontrar força suficiente no plenário do Congresso para as mesmas teses de 3 anos atrás. "Na Assembléia Nacional Constituinte, a esquerda fez uma aliança com os setores capitalistas avançados em torno do que seria o parâmetro de uma identidade nacional a ser preservada. Hoje, isso é considerado retrógrado pela maioria dos dois lados", comentou. Ele afirma que a Frente Nacionalista não empolga os parlamentares porque "eles estão com uma visão míope e enxergam apenas os problemas distritais".

Em sua opinião, isso decorre da desmobilização da sociedade civil. "Quando votamos aqui a Lei de Informática, só para dar um exem-

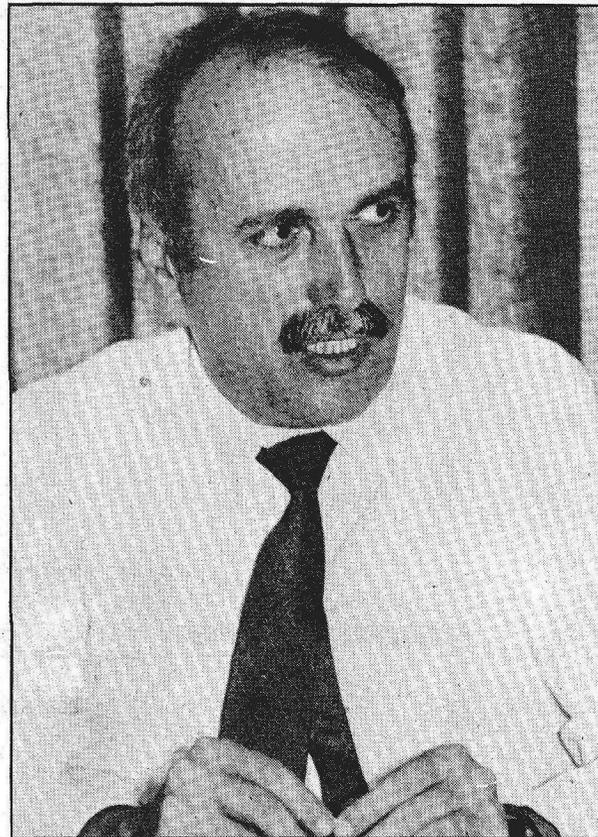
plo, não tinha ninguém para protestar contra a esquerda que obstruía a votação, nem para apoiar o lado que defendia outros interesses", comentou. Para ele, falta ao País um projeto autônomo de desenvolvimento. "Nem mesmo a esquerda tem propostas neste sentido; até agora, só negociamos o varejo, as questões do dia-a-dia. Não existe nenhuma proposta que diga respeito ao longo prazo", reclamou.

Vergonha

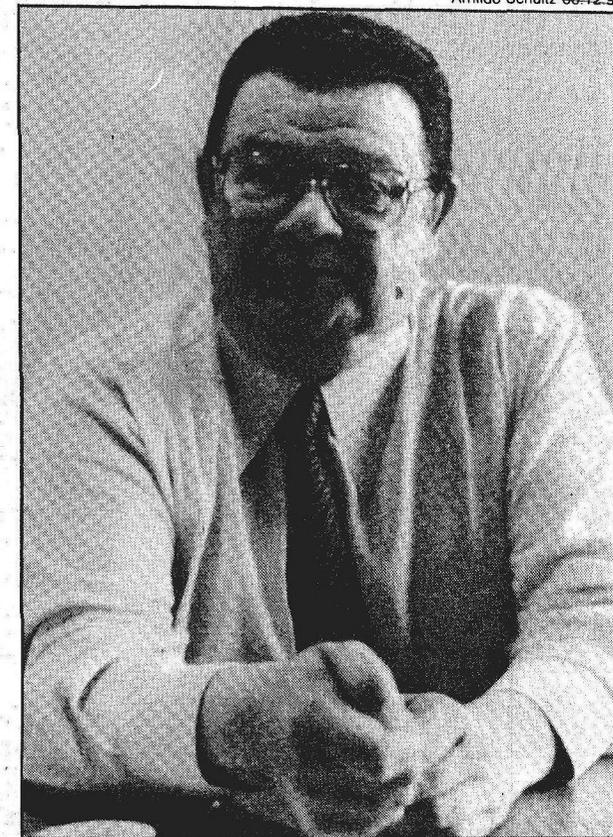
Sabóia considera que os partidos como o PT, PCB e PSDB, ligados à esquerda, estão "envergonhados do compromisso que assumiram em defesa do nacionalismo e, por isso, estão voltados para outras teses, como se não estivéssemos em um País submisso, mas como se fôssemos um protótipo do Estados Unidos", afirmou.

Além disso, Sabóia aponta a política que vem sendo adotada pelo Governo Collor como o principal fator de desmobilização das forças nacionalistas. "O nosso desenvolvimento tecnológico representa apenas 10% do que era há 20 anos", disse. Ele afirma que tanto o Governo Sarney, como o Governo Collor, contrariaram todas as expectativas de desenvolvimento: "Nem mesmo os militares, durante a ditadura, se comportaram assim. Havia uma espécie de acordo em torno do desenvolvimento tecnológico que era entendido como uma questão de soberania. Os cientistas de hoje não encontram incentivo para continuar os seus trabalhos, principalmente pela pouca remuneração que recebem", comentou.

Jorge Cardoso 25-01-90



Arnildo Schütz 06-12-90



Vivaldo faz restrições, mas aceita o capital estrangeiro que Delfim defende com tarifas especiais